

"velhas", onde ninguém usara renovar as culturas, está a contrafé dos nossos trabalhos.

Nas sementeiras, as variedades cujos trabalhos de seleção foram iniciados em plena crise cafeeira, quando o desalento se assenhoreara dos lavradores, mas a nós nos estimulara para uma grande conquista; na disposição da lavoura, linhas em nível com distâncias adequadas nas linhas e entrelinhas, resultados de longos e pacientes anos de experimentação; nas covas, o sistema adequado de plantio e, no solo, a adubação específica para cada tipo. Longe do empirismo e do meio termo, os cafézais de hoje transpiram a instalações industriais onde tudo foi medido e previsto.

E por aí em fora poderíamos nos delongar se assim o desejássemos, contando pormenorizadamente as conquistas no campo da cana de açúcar, do milho híbrido, da menta, dos cítrus e da "tristeza", da videira, das oleaginosas, das fruteiras em geral, das raízes e tubérculos, das leguminosas, das olerícolas, das plantas tropicais e das plantas fibrosas. Entretanto, dispensamo-nos de fazê-lo pois, melhor que através de nossas palavras, os seus olhos verão nas nossas dependências.

E, ao levamos esta nossa oração a término, queremos ressaltar a indizível satisfação que, não obstante freqüente, sempre nos assoma quando os nossos patrícios dos mais longínquos rincões da Pátria nos dirigem os seus pedidos de sementes, de serviços e de instruções.

Mantendo com dependências técnicas do Ministério da Agricultura estreita colaboração de trabalho e intercâmbio, como as estabelecidas particularmente com o serviço de Vigilância Sanitária Vegetal de Santos, o Centro Nacional de Pesquisas Agronômicas, os Institutos Agronômicos do Sul, do Este, do Nordeste e do Norte, este Instituto Agronômico de Campinas sente a satisfação cívica de estar perfeitamente integrado na comunidade patricia.

Sobretudo, porém, Senhor Ministro, a nossa satisfação se exalta mais ainda quando, de qualquer parte deste Brasil, a nosso Instituto aporta um colega para desfrutar da nossa experiência e trazer-nos do seu conhecimento. De longa data, nossos campos e laboratórios são freqüentados por colegas patrícios de todos os rincões, o que nos faz sentir a satisfação de sermos úteis à coletividade agronômica nacional.

Pelo visto e pelo exposto, Senhor Ministro, Vossa Excelência veio apenas reconhecer uma casa que já era sua.

E, personificando o espírito que nos empolga, diríamos que Vossa Excelência encontrou um ancião tão senhor de si e tão consciente de sua vida bem vivida, que não temeu o conceito de vaidoso ao contar um tanto da sua história e das suas glórias.

Seremo na sua altivez, bravo nos seus cometimentos, decidido nas suas ações, assemelha-se àqueles impávidos homens das bandeiras que também sabiam abrir em par as arcadas do peito, mostrando o coração sincero, como a dizer: "ENTRE, PATRÍCIO E AMIGO."

-oOo-

Resumidamente, segue o discurso do Sr. Secretário da Agricultura:

A presença de Vossa Excelência, Senhor Ministro da Agricultura, a esta solenidade em que se comemora o septuagésimo aniversário do Instituto Agronômico de Campinas, e na qual represento o Exmo. Sr. Governador Jânio Quadros, possui duplo significado. Se, por um lado, indica o interesse com que o Governo Federal acompanha o desenvolvimento da produção agrícola nacional, sob outro aspecto demonstra o reconhecimento, pelos Poderes Públicos da União, de que a velha Estação Agronômica não faltou ao cumprimento daquilo que, na época de sua fundação, dela muito esperava a ciência agronômica e a própria economia agrícola paulista, que hoje, 70 anos passados, ostenta o desenvolvimento técnico e a expressão econômica que todos lhe reconhecem. Da primitiva célula de estudos relacionados com a produção agrícola, que foi a Estação Agronômica de 1887, reproduziu-se o Instituto Agronômico de nossos dias, cujas pesquisas e estudos ultrapassaram o interesse das divisas interestaduais, e cujos trabalhos e realizações despertaram a atenção bem além das fronteiras da Nação.

Cerca de três quartos de século já se passaram desde que, Ministro da Agricultura o Conselheiro Antônio Prado, o Governo Imperial lançou os fundamentos do que seria mais tarde esta notável instituição, e o fez, desde logo, em bases de tal forma seguras que, sob a direção de Frans W. Dafert, ela integrou-se no complexo agrícola paulista, enquadrando os problemas que se apresentavam do ponto de vista da pesquisa e da experimentação científicas. Não demorou muito para que, em 1892, com a criação da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, fôsse a Estação Agronômica, com o nome que agora ostenta, transferida para a órbita do governo estadual. Seu progresso técnico-científico, desde então, foi jamais contido. Pelo Instituto Agronômico passaram notáveis homens de saber, dos quais não podem ser esquecidos os nomes daquele mesmo Dafert, de D'Utra, de Cavalcanti, de Passon, de Granato e de Berthet, para não falarmos senão daqueles cuja companhia não mais podemos desfrutar.

As atividades do Instituto Agronômico passaram a ostentar mais expressivo relêvo a partir de 1924, na direção Theodureto de Camargo,